

---

## Abelhas, alianças, esquecimentos: ficção brasileira e os futuros imaginados após a pandemia de covid-19<sup>1</sup>

Juliana KRAPP<sup>2</sup>  
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

Inúmeras crises sobrepostas têm nos deixado diante de uma nova experiência histórica. Enfatizam a aguda finitude do mundo e a percepção de que somos um ente mais coletivo do que individual. Que tipo de “saúde” pode emergir desse nosso novo reflexo no espelho, a apontar para a interdependência de múltiplas formas de vida, com as quais teremos de aprender a conviver, para garantir nossa perpetuação? Talvez não à toa abelhas tenham destaque em duas obras brasileiras recentes. Em *A extinção das abelhas*, de Natalia Polesso, seu desaparecimento é importante marcador do colapso que gera um cenário distópico. Já em *Bugônia*, de Daniel Galera, são essenciais à sobrevivência de uma comunidade que resiste num mundo pós-apocalipse. Vamos examinar vestígios que essas narrativas oferecem, para refletir sobre como o entrelaçamento entre saúde e alteridade tem reverberado no imaginário contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura brasileira; saúde pública; covid-19; imaginário.

### 1. Introdução

O mundo é um nó em movimento.  
*Donna Haraway*

“Esta deve ser a primeira vez na história que o ser humano vivencia a aguda finitude do mundo”, sentencia a autora polonesa Olga Tokarczuk (2023, n.p.), em ensaio escrito durante a pandemia de covid-19. O acelerado processo de globalização e a marcha do capitalismo tardio nos deixou diante de uma nova experiência histórica do ser humano. Por um lado, a oferta abundante de serviços, mercadorias, informações, possibilidades. Por outro, para os nossos cinco sentidos, o planeta parece ter encolhido. A imaginação tornou-se dispensável, já que tudo está ao alcance dos celulares. E o sentimento de estar no mundo, atravessado por uma espécie de claustrofobia: “a sensação da superlotação, do espaço limitado, do acanhamento, da constante presença dos outros” (ibid.).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Grupo de Pesquisa Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura Brasileira e Mestre em Comunicação Social, ambos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tecnologista em saúde pública/jornalista do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). E-mail: julianakrapp@gmail.com.

---

A alteração dramática nos modos tradicionais de perceber o ser humano ocorre não apenas em função de inúmeras crises sobrepostas — o colapso climático, a pandemia, as corridas migratórias, a necessidade de pôr em xeque o desenvolvimento econômico. Mas, também, devido ao nosso “novo reflexo no espelho”, indica Tokarczuk. Ou seja: a consciência, tão recente quanto revolucionária, de que somos um ente mais coletivo do que individual. Até bem pouco tempo atrás, o homem ainda pairava em nossa imaginação como um conquistador singular, separado do mundo, monolítico e detentor de autoridade sobre o resto do universo. E então, subitamente, é necessário assumir a nossa dependência de outros seres. Admitir a enorme complexidade orgânica embutida na constatação de que o corpo de uma pessoa possui apenas 43% de células humanas. E, também, a forma como podemos, facilmente, ser “colonizados” por outros seres — inclusive em larga escala, como nos mostrou a pandemia. Eis as novas perspectivas que adotamos para enxergar o mundo, indica a autora: “Já não somos um bionte, mas um holobionte, ou seja, um grupo de vários organismos que vivem em simbiose. Justaposição, multiplicidade, diversidade, influência mútua, metassimbiose” (TOKARCZUK, *ibid.*).

Trata-se, afinal, de assumir que o “Terrestre” (ou Gaia) é um novo ator político, como define Bruno Latour (2020, p. 52). A profunda erosão do solo comum, a perda de terra estável que se avoluma como fenômeno incontornável de nossos tempos nos leva a um Novo Mundo, mas bem diferente daquele desenhado pelos modernos. Este é um mundo em que a geografia física é indissociável da geografia humana; em que o espaço não é mais apenas pano de fundo para a ação humana, mas sim “uma história agitada da qual nós somos meros participantes entre outros” (*ibid.*, p. 53-54). Um mundo em que a consciência da complexidade orgânica do todo e da nossa dependência de outros seres faz emergir — ou deveria — o conceito de simbiose, cooperação, *enxame*, como sugere Tokarczuk (*op.cit.*).

Talvez não seja à toa que abelhas tenham papel de destaque em duas obras literárias publicadas recentemente no Brasil. Em *A extinção das abelhas* (2021), de Natalia Polezzo, o desaparecimento desses insetos é importante marcador do colapso que arruina a vida como a conhecemos hoje, dando espaço a um cenário distópico pós-pandemia. Já em *Bugônia*, novela que integra *O deus das avencas* (2021), de Daniel Galera, as abelhas são elemento essencial à sobrevivência de uma comunidade que resiste, isolada, num cenário pós-apocalipse, em que os vírus são ameaça permanente.

Neste trabalho, vamos examinar como esse “novo reflexo no espelho” apontado por Tokarczuk surge nessas duas obras literárias de autores brasileiros contemporâneos.

---

Para isso, numa investigação de reflexão teórica e de perfil ensaístico, vamos recorrer a conceitos propostos por pensadores que têm se debruçado sobre questões do tempo presente. Tendo como base um exame exploratório e qualitativo, nos interessa buscar vestígios sobre como as ameaças à ideia de saúde coletiva emergem dessas narrativas ficcionais, já tão marcadas pelo contexto atual, ou seja, pelos impactos da pandemia e pelo recrudescimento das crises contemporâneas no imaginário em comum. Estamos levando em conta que o discurso literário é dimensão importante no processo de construção dos imaginários e da memória coletiva. E que, por isso, observar as formas como a prosa brasileira tem criado tramas em que a erupção de ameaças graves à saúde é elemento-central pode oferecer rastros interessantes sobre a produção de sentidos que emerge no bojo deste “Novo Mundo” ao qual se refere Latour. Um mundo atravessado por catástrofes, em que as dimensões de “risco” (CASTIEL; GUILAM; FERREIRA; 2010) que se associaram à ideia de “saúde” nas últimas décadas deslocam-se do escopo de escolhas individuais, ou seja, da preponderância do nexos causal entre hábitos de vida e doenças orgânicas, para a ameaça constante de riscos de grandes dimensões — cujas consequências não podem ser aplacadas por medidas de prevenção individual. Ao mesmo tempo, um acontecimento como a pandemia de covid-19 enfatiza as consequências das ações individuais sobre as possibilidades de vida dos outros — consequências que se dão no presente imediato, e não mais no decorrer do tempo. Consequências que reiteram o quanto a vida individual é inextricável da coletividade.

## 2. Um lugar chamado Saúde

Na zona central da cidade do Rio de Janeiro, há um bairro chamado “Saúde”. Às margens da Baía de Guanabara, desdobra-se em ladeiras de sobrados coloridos e calçamento pé-de-moleque. É, hoje, uma zona boêmia e festiva, que guarda em sua geografia muitas marcas e camadas da História. Integra a chamada “Pequena África”, nome dado pelo artista Heitor dos Prazeres (1898-1966) ao conjunto de bairros da região portuária cuja história está intimamente ligada ao tráfico transatlântico de escravizados, mas também à resistência da cultura negra. É ali, na Saúde, que ficava o Cais do Valongo: maior porto de desembarque de africanos escravizados nas Américas. Recebeu milhares deles, entre o final do século XVIII e o início do século XIX. E foi também ali que o samba, em seu formato carioca, foi em grande parte gestado.

---

A cada sábado, guias circulam com visitantes em roteiros-aula a céu aberto, narrando como aquele bairro — a “Saúde” — foi palco de inúmeras atrocidades, ao receber os sobreviventes das longas e terríveis travessias do Atlântico. Este nome, “Saúde”, deve-se provavelmente à presença da Capela de Nossa Senhora da Saúde, erguida no século XVIII. Mas os guias explicam que talvez o nome também tenha a ver com a existência de um lazareto, espécie de hospital onde ficavam em quarentena os escravizados que chegavam doentes da travessia. No mesmo bairro, havia as “casas de engorda”: local onde eram alimentados para serem vendidos. Os escravizados, afinal, tinham seu valor de venda aferido em arrobas, num dos inúmeros marcadores de seu processo de desumanização pelo universo escravocrata. Não é coincidência que, em 2022, o então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, tenha repetido uma afirmação racista que já havia feito anteriormente, dizendo que pessoas negras são pesadas em arrobas (TEIXEIRA, 2022). Ontem como hoje: no biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte.

O bairro da Saúde e a região da Pequena África são um território em litígio, costumam dizer os guias. Alvo de intenso processo de gentrificação e de cobiça, cenário que ganhou visibilidade (sob a égide da racionalidade neoliberal) durante as obras para os megaeventos da década de 2010, território de resistência e de reinvenção há séculos. Difícil não fazer uma associação com a própria ideia de “saúde”, e a intrincada rede de disputas de imaginário quanto a ela, na arena pública. Esta breve digressão toponímica, afinal, é uma alegoria para trazer ao corpo do texto um elemento-chave a qualquer tentativa de olhar a saúde pelo viés do coletivo: a necropolítica. Políticas de morte; a soberania como detentora do poder e da capacidade de determinar quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2016).

Durante a pandemia de covid-19, a expressão “necropolítica” frequentou com assiduidade textos jornalísticos e de opinião, análises e relatos que buscaram lançar luz às múltiplas dimensões envolvidas na intensidade com que a crise sanitária assolou o Brasil. Apenas cerca de 100 anos nos separavam, afinal, de outra epidemia com altíssimas taxas de mortalidade: a gripe espanhola. E, no entanto, a sociedade brasileira mostrou que não pôde tomar lições da “espanhola” que se tornassem úteis ao enfrentamento da covid-19. Em *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil* (2020), Lilia Schwarcz e Heloisa Starling dão provas de como as atitudes negacionistas de médicos e governantes, a inércia das autoridades e o massacre especialmente de populações mais vulnerabilizadas foram semelhantes em uma e em outra. Na história brasileira, afinal, a ideia de “saúde”

---

muito frequentemente é usada em prol das políticas de morte. Quando as autoridades transferiram da Praça XV para o Cais do Valongo o ancoradouro de barcos vindos da África, um dos motivos foi que o fluxo de moradores havia aumentado muito nos arredores da atual Rua Primeiro de Março, e que a presença de tantos escravizados poderia gerar o contágio de doenças entre a população. No século XVIII, assim como no XXI, era política de Estado regular a distribuição de morte.

Mas talvez seja hora de retornar ao papel da ideia de “saúde” nos processos de subjetivação. Importante frisar que os sentidos de “saúde” são configurados social, histórica e culturalmente (CZERESNIA, MACIEL, OVIEDO, 2013). E, assim, os estados de saúde e de doença não devem ser considerados de forma cristalizada, mas sim processual e dinâmica (ibid., p.12). Se observarmos o transcorrer do último século, podemos identificar mudanças significativas na nossa relação com esses conceitos.

O modelo biomédico e a organização da saúde pública como diretamente ligados às técnicas disciplinares e à vigilância, ao exercício do biopolítico como forma de estabelecer controle sobre as populações, como indica a análise foucaultiana. A saúde como processo muito além do biológico, envolvendo múltiplas dimensões: direito ao lazer, ao trabalho, à democracia, à qualidade de vida. A determinação social como agente ativo no processo saúde-doença. A tecnologia médica, com suas prescrições e dispositivos, modulando cada vez mais o cotidiano. O crescimento do discurso do risco fazendo com que a doença pare como uma ameaça sempre presente; e, com isso, influenciando processos de subjetivação e modos de vida, formatando a importância de escolhas individuais para a garantia do bem-estar. Processos históricos e culturais que têm desenhado e transformado nossas percepções sobre os conceitos de saúde e de doença.

E, no entanto, o desmoronamento de um solo em comum — a sensação generalizada de carência de terra firme — talvez nos acene com outras fronteiras para a ideia de saúde e de bem-estar. Que tipo de “saúde” pode emergir de nosso “novo reflexo no espelho”, a apontar para a interdependência e para o entrelaçamento de múltiplas formas de vida, com as quais teremos de aprender a conviver, para garantir nossa própria perpetuação? A experiência da pandemia, o colapso climático, o acentuamento dos fascismos e autoritarismos nos últimos anos, a chamada “pós-verdade”, o fenômeno da infodemia: que tipo de “saúde”, como direito coletivo, poderá ser reivindicada pelas gerações futuras?

---

Não é à toa que a filósofa feminista Donna Haraway arriscou alienar seu “velho *doppelgänger*, o ciborgue, na tentativa de convencer os leitores que os cachorros podem ser guias melhores para os emaranhados da tecnobiopolítica no Terceiro Milênio da era atual” (2021, p. 18-19). Se, em seu clássico *Manifesto ciborgue*, ela diagnosticava uma transição política do biopoder ao tecnobiopoder, em *O manifesto das espécies companheiras* (ibid.)<sup>3</sup> ela reivindica a percepção de uma “alteridade significativa”. Ou seja, a implosão da ideia de que “natureza” e “cultura” são pólos opostos ou categorias universais. Em vez disso, pensa em termos de conexões parciais, nas quais os atores não são nem todo, nem parte.

Após décadas investigando o binarismo natureza/cultura, Haraway investe na indissolubilidade desses dois polos do pensamento moderno, passando a usar com profusão o termo “natureza-cultura”.

Seu intuito é suspender a operação que separa o que seria natural do que seria cultural: as trajetórias de vidas humanas, caninas, ou de qualquer outro ser, são sempre naturais-culturais. Isto é, são produto e produtoras de naturezas-culturas em que a vida individual é inextricável da coletividade e a existência de uma espécie depende incontornavelmente de suas relações com outras espécies e com os ambientes. Para as naturezas-culturas humanas, isso significa que o humano é inseparável do mais que humano. (SILVA, 2021, p. 181)

“O mundo é grande, vasto e cheio de vida assertiva”, diz Haraway (p.cit., p. 42), lembrando que os órgãos sensíveis à luz das lulas só se desenvolvem se elas receberem uma colônia de bactérias luminescentes. Que o tecido do intestino humano não se desenvolve normalmente sem colonização de sua flora de bactérias. Que a diversidade de formas animais na Terra só pôde emergir na sopa bacteriana do oceano. Isso que chamamos “saúde”, pois — e que não é o oposto de doença, mas sim algo muito mais amplo —, só floresce no cerne da contraditória trama dos relacionamentos e alianças, nas “preensões” e movimentos para alcançar uns aos outros. Uma coreografia que, talvez possamos dizer, é o que eventualmente também reluz na literatura ficcional.

### 3. Feras que espreitam ruínas

*A extinção das abelhas* (2021), segundo romance de Natalia Borges Polessa, é dividido em três partes. Na primeira, somos apresentados a Regina, protagonista e narradora da maior parte do livro. Aos 40 anos, vive sozinha numa casa que precisa de reformas, num bairro imerso em abandono. É diabética e hipertensa, mas não pode mais contar com o sistema público de saúde, então suborna uma enfermeira para conseguir

---

seus remédios. Não tem emprego: vive de bicos. Foi abandonada pela mãe quando ainda era criança, e perdeu o pai no começo da vida adulta. Sua namorada, uma mulher de 60 anos, também decide partir, após ser demitida da faculdade onde dá aulas. A solidão é traço marcante na composição da personagem.

Pouco a pouco, a narrativa descortina o cenário distópico em que se instaura o romance. A necropolítica se desdobra em mecanismos ainda mais acentuados do que os que vemos hoje. A cidade em que vive a protagonista, ao Sul do país, foi dividida em zonas, que oficializam a segregação. Cada zona conta com esquema próprio de segurança e proteção. Os mais ricos vivem isolados em condomínios, que funcionam como mini cidades; os mais pobres precisam se revezar em guaritas ou em barricadas improvisadas; em muitas zonas, milícias supostamente cuidam da segurança. A comida está tão contaminada que as sementes desapareceram das poucas frutas que restam à venda. Não há empregos, e sim desamparo e violência. O lixo se acumula nas ruas. Um “colapsômetro” é inaugurado em Davos, com estardalhaço, indicando as temperaturas em diferentes lugares do mundo; os limites deveriam ser respeitados por todos — caso contrário, o país ou a região sofreriam sanções.

O colapso ambiental está acrescido do descrédito na ciência e de uma espécie de anestesia, ancorada na espetacularização promovida pelo regime hegemônico do pós-capitalismo. “Estávamos mesmo na era do espetáculo de circo, na coisa material óbvia e redundante, só palavras não davam conta”, resigna-se Regina. Por isso era preciso criar monumentos, como o colapsômetro: para que as pessoas acreditassem nas palavras, nas promessas. Relatórios e pesquisas haviam sido banidos dos debates oficiais.

Desamparo e desesperança emergem na narrativa. Um desencanto do mundo. Nos termos de Jonathan Crary: terra arrasada, ou seja, “o sufocamento da esperança, o cancelamento da possibilidade de restauração ou cura do mundo” (2023, p. 65). Apesar de ser uma obra que imagina um futuro ainda fictício, há muitos traços em *A extinção das abelhas* que já são identificados em nossos tempos pelo crítico de arte americano. A homogeneização interminável da experiência, a anestesia parcial que se tornou necessária para a sobrevivência, a desintegração de formas de solidariedade social, a erosão de um senso mínimo de estabilidade. A “patologia da internet”: não aquilo que está “transacionado em seus circuitos menos acessíveis, mas na naturalização do modo como nossas necessidades, desejos e afeições são desviados ou apartados do compromisso com o cuidado com um mundo vivido em comum com os outros” (CRARY, p. 47).

---

Grande parte dos capítulos breves que formam a primeira parte do livro é encadeada como se fossem cartas de Regina para a mãe desaparecida, de quem a protagonista guarda uma única fotografia. São textos em que concilia descrições sobre o mundo colapsado a relatos mais pessoais. Entremeadas às narrativas em que a narradora é a própria Regina, irrompem capítulos em que é sua mãe, Lupe, a personagem em foco. Jamais fica claro se essa linha da trama seria um exercício de imaginação de Regina, inventando uma memória para a mãe ausente.

A segunda parte da obra consiste em uma espécie de colagem que mescla trechos de notícias, relatórios científicos, relatos que parecem excertos de diários, microficcões. Juntos, dão dimensão da escalada apocalíptica que dá base ao livro. E a terceira parte do romance acompanha a corrida de Regina pela sobrevivência, após uma série de acontecimentos que aprofundam ainda mais o colapso em que já viviam: por exemplo a explosão de um novo sol.

Estruturas e mecanismos narrativos à parte, nos interessam aqui algumas dimensões do romance. Primeiramente, o próprio exercício de fabulação, a projetar um cenário que, apesar de fictício, é perfeitamente crível. Um alerta para nossos dias:

Depois da morte das abelhas, colmeias artificiais foram criadas. Elas têm o formato clássico por motivos comerciais e afetivos. O mel produzido com a glicose do açúcar de cana é produzido artificialmente. Dizem que um zumbido constante atravessa os campos-fábrica e que os funcionários colhem o mel com roupa apropriada, telas no rosto, respiradores e luvas, isso para não contaminarem o néctar com o choro da ausência e do arrependimento. E para não se contaminarem com o veneno no ar. Depois da morte das abelhas, os homens ficaram mais sensíveis e começaram a tomar probióticos para aliviar os sintomas da febre gastrointestinal, mas morrem do mesmo jeito. Depois da morte das abelhas, repensaram os limites do consumo, mas já não havia muito. (POLESSO, *ibid.*, n.p.)

Outro aspecto de destaque é como o romance tensiona a impossibilidade de qualquer aliança social ou afetiva mais duradoura. Os laços comunitários parecem ter sido abolidos. Sem família de sangue, Regina tem como pessoas próximas apenas Denise e Eugênia, um casal de vizinhas, que a adotam como a uma filha. Elas são mães de Aline, que Regina considera como irmã. Ainda assim, conflitos ideológicos perturbam a relação com essa família postíça.

O impacto do complexo cibernético sobre o mundo produz, “de forma esmagadora, subjetividades autocentradas incapazes de imaginar objetivos e resultados que não aqueles consagrados ao privado, ao individual”, sugere Crary (*ibid.*, p. 31). Nesse

---

sentido, o mundo desenhado pelo romance de Polesso é um reflexo do enfraquecimento da solidariedade do grupo.

Não à toa, o grande companheiro de Regina é uma fantasmagoria. Paranoia, seu gato, morre logo no início da trama; mas está sempre presente: uma companhia-ameaça. Regina o vê por acaso, engana-se, ouve seu miado, pressente sua presença. Paranoia: o gato-fantasma que encarna o próprio paradoxo da impressão que o mundo estende sobre Regina, e que balanceia entre a ameaça constante e o desejo de movimento em direção ao outro. Paranoia morreu, então vê-lo e ouvi-lo é, também, sintoma do adoecimento ao qual o atual estado das coisas lançou a personagem. Mas Paranoia, o gato morto, é também o lampejo de vida selvagem — e encarnação da intimidade compartilhada — que ainda preserva em Regina o vislumbre de sua própria subjetividade.

Quando tenta ela própria elaborar um gesto de solidariedade, Regina esbarra num desfecho terrível. Dona Norma é uma catadora de lixo a quem se afeiçoa. Tanto que a convida para morar em sua casa. Eugênia e Denise a advertem: Regina não deveria se meter com a catadora; não é problema seu. Mas a protagonista insiste, e Dona Norma aceita. Um dia, porém, a casa pega fogo. Regina está fora, havia deixado a convidada trancada, pois tinha medo de que ela, ingênua, abrisse a casa para estranhos, expondo-as a algum perigo. Dona Norma morre no fogo, e é assim, com Regina mergulhada no horror, na culpa e no desespero que se encerra a primeira parte do livro.

O filósofo Roberto Esposito (2010) tem traçado uma revisão do conceito de comunidade, associando-a à ideia de imunidade. Ele atribui à *communitas* o sentido de uma associação humana baseada na pertença mútua, uma partilha, uma dádiva recíproca. Um compromisso com o outro, porém baseado, também, na comum expropriação das suas subjetividades. A comunidade seria, pois, também o conjunto de pessoas ligadas por estarem em débito, em dívida permanente. Já a imunidade representaria o seu inverso: o aparecimento de uma associação humana não comunitária, cuja fonte se encontra não na gratuidade de uma dádiva recíproca, mas na impossibilidade de qualquer relação de gratuidade. A imunidade isenta o indivíduo da dívida; porém, ela própria se ampara na violência. Ela libera da convivência compartilhada e do dever do dom, do débito para com a comunidade, protegendo do perigo representado pelo contato com o outro. Mas, justamente por isso, abole as possibilidades de convivência.

Em *A extinção das abelhas*, o paradigma imunitário desenha-se não apenas na quase total impossibilidade de se tramarem relações de partilha num mundo em ruínas, mas também pelo impacto das violências que tentam extirpar do corpo social as ameaças

---

de inimigos fictícios, de corpos e sexualidades considerados diferentes. “No Brasil, foi criado um jogo (...), cujo objetivo é perseguir mulheres lésbicas e trans e homens trans. O governo se absteve de agir. (...) Disseram que a existência do jogo era mentira. Os assassinatos, desaparecimentos, agressões e violência sexual cresceram” (POLESSO, 2021, n.p.).

No acentuado paradigma imunitário do futuro distópico projetado pelo romance, a desinformação alimentada pelos fascismos enfatiza ainda mais o horror de um mundo que vê seus recursos se extinguirem. “Querem matar a gente pra continuar vivendo impunemente no planeta. Como gafanhotos, hienas, predadores, parasitas, gente ruim” (POLESSO, 2021, n.p.), afirma Regina. “Querem matar a gente”: quem quer? O mundo convulsionado e violento que se desdobra na narrativa deixa claro que não se trata de uma guerra ou de inimigos claros.

Naquele futuro distópico, os dispositivos e aparatos legitimados de autoridade e a própria ideia de “soberania” já não retêm o poder decisório entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Vale lembrar, aqui, um alerta de Mbembe: a noção de biopoder tem sido insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjogação da vida ao poder da morte (2016).

Regina faz a afirmativa acima quando está num carro em fuga para uma região rural da Argentina, ao lado de uma amiga que a resgatou, ferida e faminta, numa construção em escombros. Ante o silêncio atordoado da companheira, Regina narra que sempre havia imaginado que o fim do mundo seria despertado por algum fenômeno como a colisão de um planeta com a Terra, a explosão de usinas nucleares ou mísseis lançados num arranjo terrorista. Mas não. “Foi um golpe. Pirotécnico. Mentiras elaboradas com consequências mundiais”, define. “A nova arma de destruição de massa: a mentira. Uma construção ao mesmo tempo tosca e refinada.” E, claro, uma referência clara às consequências disso que alguns chamam pós-verdade.

Por fim, há ainda outra dimensão do romance que precisa ser examinada. No passado Lupe, a mãe de Regina, abandonou a família para viver com o circo. Um clichê. E, por isso mesmo, um contraponto à atmosfera de niilismo e desencanto que marca a narrativa central. Lupe se deixa seduzir pela figura da Conga, a mulher-gorila, personagem ao mesmo tempo apavorante e erótica. Personagem de circo que é, também, símbolo de misoginia. Mas Lupe não deixa a família para se submeter ao regime de um único circo, e sim para viver de forma errante, ao mesmo tempo em que estabelece laços provisórios — porém exuberantes — por onde passa.

---

As infiltrações de Lupe na narrativa que tem Regina como protagonista são como formas de dilacerar o sufocamento e a apatia do universo pós-pandemia descrito pelo romance. Não que a história de Lupe seja forjada por momentos gloriosos ou arrebatadores; há, na verdade, muito sofrimento: a perda de uma perna num acidente, por exemplo. Mas há, também, a possibilidade de deslumbramentos a espreitar as experiências; há a insistência em não se deixar domesticar e submeter; há um constante impulso de vida, que faz com que a Lupe se lance aos riscos, em vez de tentar controlá-los. Há, enfim, a busca por “saúde”, incluindo o tramar e o destramar de alianças intrínsecas a esse vitalismo.

Lupe e sua fantasia de mulher-gorila, que preserva consigo até a morte, em suas errâncias pelo mundo. Regina e seu fantasma de um gato morto, que a persegue dentro de seu quase cativeiro (a protagonista, afinal, quase não sai de casa). Talvez não seja por acaso que a fantasia da animalidade — uma animalidade que, porém, não é *real*; não implica efetivamente o contato com essa espécie outra — habite essas duas faces do mesmo romance.

Em *A extinção das abelhas* quase todas as personagens — e todas as de destaque — são mulheres. Não foi, claro, escolha ocasional. Não abordaremos, porém, esta dimensão neste texto. Mas importante frisar que, na etapa final do romance, Regina é resgatada por uma conhecida, e acolhida por um grupo de mulheres que integra uma rede clandestina. Elas partem por uma viagem pela América do Sul — como Lupe fizera anos antes, mesmo que Regina não saiba. As relações que se estabelecem na viagem, com as novas companheiras, são repletas de atritos, desconfianças, mal-entendidos. Mas, também, de plenitude. Numa região rural da Argentina, à beira de um lago, o grupo de mulheres experimenta algo parecido a bem-estar. Uma sensação quase desconhecida para Regina. É uma comunidade precária, instaurada de forma provisória. Ainda assim, comunidade. Um gato surge na casa. Elas decidem adotá-lo.

#### **4. Um pacto reescrito a todo instante**

*Bugônia* é a terceira — e última — novela de *O deus das avencas* (2021), livro mais recente de Daniel Galera. A trama transcorre no “Topo”, onde resiste o “Organismo”: uma pequena comunidade de pessoas que sobreviveram ao colapso climático e à chamada “peste de sangue”. Vivem isoladas do resto do mundo, em simbiose com a natureza e com as colmeias de abelhas. São elas, as abelhas, que fabricam um mel

---

especial que protege dos vírus que assolam o planeta, devastando as populações. Isso só é possível, porém, se o Organismo alimentar a cooperação com oferendas: cadáveres. Corpos de integrantes da comunidade que morreram naturalmente, e que são, então, oferecidos às abelhas. Estas, em troca, fabricam o necromel, única substância capaz de imunizar contra a peste do sangue. *Bugônia* fabula um mundo onde já não vigora o antropocentrismo, e onde a ideia de “saúde” está diretamente relacionada ao equilíbrio, sempre mutável, e à comunicação com o meio ambiente. “A aliança, não cansa de ensinar a Velha, é um pacto reescrito a todo instante. Uma sintonia frágil entre corpos, uma dança” (GALERA, 2021, n.p.).

Instaurada num futuro que parece ainda mais distante do que o cenário de *A extinção das abelhas*, a novela de Galera é um exercício exuberante de fabulação, que narra em minúcias a simbiose entre os humanos e a natureza com quem vivem em mútua relação. Chama, a protagonista, é uma adolescente que já nasceu no Organismo, de modo que desconhece os modos de vida de fora da comunidade. O sentimento de pertença que nutre pela comunidade e pelo lugar em que vive irrompe na narrativa por meio de descrições que a situam em comunhão profunda com as outras espécies e formas de vida que habitam o Topo. Espécies companheiras, alteridades significativas.

Na aurora violácea Chama se afasta do Organismo pela trilha que leva às colmeias. Seus chinelos feitos de borracha de pneu e cabos de carregador esmagam nódoas de terra seca, o imundo poncho-pala de fibra de cânhamo roça seus quadris estreitos, as perneiras de couro de javali nas coxas e canelas impedem que as macegas altas e espinhentas rasguem sua pele castanha, na qual ferimentos superficiais deixam cicatrizes lisas e brancas. Atravessa pela rota bem conhecida o campo de eucaliptos mortos, uma cama de gato de troncos caídos, finos e estranhamente preservados no ar seco, contorna o morro de onde se avista o vale, cumprimenta com um olhar Boloto, o vigia daquele turno, trepado no esqueleto retorcido da antiga torre de transmissão (...). (GALERA, 2021, n.p.)

Chama é fascinada pelas colmeias, e as visita com frequência. Tanto que consegue estabelecer uma forma de comunicação com as abelhas. Além de produzir o necromel, os insetos desenvolveram uma estratégia para manter seu habitat mais fresco do que o resto do mundo, que padece de extremo calor. Em contato com as colmeias, o corpo de Chama se atíça e se refresca. Toda ela se umedece: a língua, as mucosas, o meio das pernas. Os joelhos amolecem.

Trinta e nove pessoas vivem no Organismo. Velha é uma espécie de matriarca, e divide a liderança não formal do grupo com Alfredo, com quem tem diferenças ideológicas. Velha foi a primeira a chegar, dizem. Mas ela não confirma a história. Pois,

---

para ela, não deve existir história. “Precisamos resistir a inventar o passado, ela ensina, esquecer os relatos e desfazer os registros. Não há necessidade de passado, pois o presente guarda todos os indícios que precisamos para manter o Organismo vivo” (ibid., n.p.). Que busquem o conhecimento no tempo presente, ela incita, numa clara repulsa ao passado e ao que esse tempo legou de maléfico. “(...) O passado reforça a identidade, e a identidade é o veneno das comunidades. O pertencimento é uma ilusão e uma deformidade do medo. A Velha aboliu a lembrança e entronou a experiência” (ibid., n.p.). Para ela, um humano não deve ser nada além do que vai se tornar no instante seguinte. E por isso proíbe livros, diários, anotações para qualquer propósito.

Identidade: “o veneno das comunidades”. O quanto podemos associar isso que a Velha chama de “identidade” ao “paradigma imunitário” de Esposito? A imunização como uma proteção negativa da vida. O processo que reconstitui a identidade, ameaçada pelo enredar da comunidade, e protege o indivíduo daquilo que difere de si. A interiorização preventiva e neutralizante do externo, do diferente, da alteridade.

Ao ter sua história gravada num relato escrito, a comunidade passa a ter História, uma versão de si mesma que ultrapasse diferentes temporalidades: uma identidade que, possivelmente, irá exigir proteção. Ao escrever essa História, registrando o passado, perigam resgatar sua antiga ideia de autoridade do homem sobre o mundo.

Não teremos oportunidade de desenvolver este tópico neste artigo, mas um aspecto que parece se destacar nos relatos ficcionais que de algum modo reverberam os impactos da pandemia de covid-19 e de nossas crises contemporâneas é justamente sua relação com a memória coletiva, com seus esquecimentos e tensionamentos. Vale lembrar que, em *A extinção das abelhas*, a história de Lupe, a mãe desaparecida da protagonista, é narrada num fio paralelo que não sabemos se é fabulação da própria Regina, na busca por resgatar a memória da mãe. Impossível ao leitor decifrar, pois, se é *fabulação* ou *memória*; mas fato é que a trajetória de Lupe é repleta de lacunas, tramada sempre de modo errante e não linear, com muitas zonas obscuras. Como se justamente o corpo que, no conjunto do livro, é aquele que mais desfruta de *saúde* em seu conceito amplo — a liberdade vitalista de fruir os riscos de uma existência ainda não esvaziada pela homogeneização de experiências de nossos tempos —, estivesse naturalmente legado ao espaço do esquecimento.

Mais ainda do que em *A extinção das abelhas*, o romance curto *O último gozo do mundo*, de Bernardo Carvalho (2021), toma a memória e o esquecimento como matéria-prima para narrar o estado das coisas no mundo pós-pandemia. Sua protagonista, uma

---

professora universitária, tem muito medo de esquecer. Por isso, narra a todo tempo, conta histórias para seu filho, que ainda é um bebê. Um bebê nascido durante a pandemia, de um pai desconhecido. A mulher empreende uma viagem de carro pelo interior do país, para encontrar um adivinho, um homem que diz poder prever o futuro. Ele esteve à beira da morte, contaminado pela doença, mas sobreviveu. No instante em que resgata a consciência, descobre porém que perdera a memória. E que, ao perder a memória, teria se tornado um oráculo, alguém capaz de prever o futuro.

Mas voltemos a *Chama* e ao *Organismo*. Uma série de incidentes provoca desordem no delicado equilíbrio que sustenta a comunidade. Como a queda de um homem vindo do espaço, por exemplo (após o colapso, algumas pessoas ricas passaram a viver em naves espaciais, na busca por se salvar). O astronauta é visto como um intruso, e parte da comunidade — justamente aquela que defende que se mantenha um passado, com livros e registros — enxerga a sua presença como uma grande ameaça, defendendo que ele seja morto. *Chama* se insurge contra a proposta, e acaba sendo punida e segregada. Experimenta o “horror repentino de não mais pertencer”. Tanto em *A extinção das abelhas* quanto em *Bugônia*, a preservação da saúde dos seus protagonistas aparece intrinsecamente ligada ao resgate da ideia de comunidade e de pertencimento.

Uma reportagem de 2021, da revista *Bula*, apregoa: “Narrar sentimentos como o do iminente colapso planetário (e nacional) exige outras formas de contar histórias”. E alguns romances publicados a partir de 2020, sugere, apresentam uma nova sensibilidade brasileira para imaginar o futuro: “O primeiro passo é, sem dúvida, reconhecer o desmoronamento do presente”.

Não estou tão certa de que a leva de obras brasileiras inspiradas na ou pela pandemia apresentem “uma nova sensibilidade brasileira para imaginar o futuro”. O que narrativas como *A extinção das abelhas* e *Bugônia* mostram, porém, de fato é a necessidade de olhar para o desmoronamento do presente. Usar a criatividade e o labor artístico como ferramentas políticas para fabular práticas emergentes que levem em conta a inextricável dependência individual do coletivo, as relações entre alteridades significativas e as possíveis coreografias relacionais entre vidas e histórias que, apesar de tão díspares, pulsam no cerne do que entendemos por saúde. Obras que olham para as possibilidades de criação de um futuro comum – quase impossível, mas absolutamente necessário.

## 5. Referências bibliográficas

---

CARVALHO, B. **O último gozo do mundo**: uma fábula. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CASTIEL, LD; GUILAM, MCR; FERREIRA, MS. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

CZERESNIA, D; MACIEL, EMGS; OVIEDO, RAM. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

CRARY, Jonathan. **Terra arrasada**: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

ESPOSITO, Roberto. **Bios**: biopolítica e filosofia. Lisboa: Edições 70, 2010.

GALERA, D. **O deus das avencas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LATOUR, B. **Onde aterrar?** Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. Revista Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, dez., 2016.

POLESSO, N. B. **A extinção das abelhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. **A bailarina da morte**: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVA, Fernando Silva e. **Uma filosofia multiespécie para a sobrevivência terrestre** (posfácio). In: HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

TEIXEIRA, Matheus. “Bolsonaro volta a dizer que negro é pesado em arrobas e ironiza sua condenação”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 de maio de 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/05/bolsonaro-volta-dizer-que-negro-e-pesado-em-arrobas-e-ironiza-sua-condenacao.shtml>. Acesso em 13/8/2023.

TOKARCZUK, O. **Escrever é muito perigoso**: Ensaios e conferências. São Paulo: Todavia, 2023.

VIEIRA, Enio. "Em 'A Extinção das Abelhas', Natália Borges Polesso pensa a vida após o colapso". In: **Revista Bula**, versão digital. 28/12/2021. Acesso em 16/8/23: <https://www.revistabula.com/46742-em-a-extincao-das-abelhas-natalia-borges-polesso-pensa-a-vida-apos-o-colapso/>